

utiliza como modelo la investigación hecha por Genette de la obra narrativa de Proust para establecer la temporalidad en los relatos de René Marqués. Caballero continúa utilizando los postulados de Genette al abordar los problemas de modo y voz en la narrativa marquesiana.

Encontramos que el estudio de Carmen Caballero provee al crítico de la obra de René Marqués, por primera vez, un estudio completo de los problemas estructurales de la misma. El estudio de Caballero apunta hacia otras posibles lecturas de esta narrativa, como es el estudio de los espacios en Marqués y la relación que éstos pudieran tener con otros espacios de la literatura puertorriqueña. Este estudio es, sin duda, una notable aportación a los estudios de la obra marquesiana.

ELISEO R. COLÓN ZAYAS

*Universidad de Puerto Rico.*

JOHN GLEDSON, *Machado de Assis: ficção e história*. Tradução de Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

No seu primeiro livro sobre a ficção de Machado de Assis (*The Deceptive Realism of Machado de Assis: A Dissenting Interpretation of 'Dom Casmurro'*, Liverpool: Liverpool Monographs in Hispanic Studies, 1984), John Gledson procurou demonstrar o caráter fundamentalmente alegórico dessa obra-prima machadiana, detectando-lhe um oculto substrato político. Daí o seu «realismo enganoso»: uma historicidade latente no texto que longe de ser uma simples curiosidade chega a pervagá-lo, a moldear-lhe o entrecho. Nem por ser encoberto ao leitor (e a grande parte da crítica) tal «realismo» poderia ser negligenciado por quem quisesse interpretar «corretamente» o romance.

O presente estudo vem a ser uma continuação da obra anterior. Nele, o crítico focaliza os outros textos publicados entre 1885 e 1908 — *Casa velha* (1885), *Quincas Borba* (1891), *Bons Dias!* (crônicas, 1888-89), *Esau e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908)—, textos estes que embora com frequência tidos, na maioria, por secundários, não deixam de possuir considerável valor artístico. Segundo os comentários introdutórios do estudioso (p. 13), o livro visa a dois objetivos: «apresentar ao leitor, e interpretar, alguns textos quase esquecidos de Machado de Assis, e oferecer uma explicação nova e mais convincente de seu desenvolvimento como escritor» durante o período referido. Para tanto, empreende uma releitura das cinco obras à luz dos principais acontecimentos históricos brasileiros dessa época.

Os resultados de tal releitura são reveladores e amiúde convincentes. Se bem que procure evitar interpretações de cunho auto-biográfico, Gledson descobre nos textos em foco diversas atitudes políticas do autor, tais como o seu ceticismo perante a Abolição e a República e a sua ironia desmistificadora para com o Positivismo. Encontra em *Casa velha* uma alegoria do I Reinado, a história de uma crise refreada, ao passo que vê em *Quincas Borba* uma representação simbólica da crise nacional do fim da década de 1860 e do começo da década de 1870. Neste livro, o crítico também frisa as significativas divergências entre a primeira versão publicada em folhetim (1886-91) e a versão definitiva lançada em 1891, após a Abolição e a Proclamação da República. No que diz respeito a *Esau e Jacó*, Gledson parece concordar até certo ponto com a conhecida afirmação de Affonso Romano de Sant'Anna de que o absurdo do entrecho serve para chamar a atenção do leitor

para a tenuidade do veículo mais do que para a mensagem em si, focalizando o significante mais do que o significado. No entanto, tacha os estudos de Sant'Anna e os de Eugênio Gomes de «reduativos» por relegarem o aspecto histórico-político da obra a segundo plano. O livro inteiro é, para ele, uma expressão irônica, desde o (não-) tratamento da Abolição até a representação das discordâncias que separam as duas doutrinas políticas. (Gledson alega constituírem o Império e a República, para Machado, apenas dois avatares da mesma oligarquia.) Finalmente, *Memorial de Aires*, longe de ser uma derradeira reconciliação do autor com a vida, apresenta um sórdido retrato de um Brasil malgrado e arruinado, no parecer do crítico. Parar no enredo amoroso de Tristão e a viúva Noronha, nas saudades de Aguiar e Carmo, no afastamento do Conselheiro conduz o leitor a uma interpretação «incorreta». Mesmo o amor do jovem casal, segundo ele, não é tão puro quanto se pensa.

Se bem que o crítico negue qualquer intenção de esgotar os significados dos romances, de nos fornecer uma visão totalizadora de cada um deles, o livro peca por um certo autoritarismo, por um excessivo afã de querer revelar a «verdade verdadeira» que possa nos dar a chave de todos os outros enigmas dos textos. Estes assemelham-se a palimpsestos um tanto sui generis, nos quais o texto superficial é controlado em grande parte por um texto subjacente e invisível. Ao que parece, não há nada que seja aleatório para o hermeneuta. Os nomes e as datas parecem encerrar especial significação. Poucos há que não contenham importantes pistas alegóricas.

Contudo —apesar de um certo reduativismo e da falta de uma conclusão—, o livro não deixa de ser uma valiosa contribuição para a crítica machadiana, mormente no tocante aos poucos estudados vínculos entre o romancista e a história e estéticas coetâneas. Gledson censura a tendência de muitos críticos recentes a verem em Machado um moderno *avant la lettre*, menosprezando as suas profundas raízes oitocentistas. Sem lhe negar a singularidade que lhe cabe sobretudo pelas práticas verticalizantes, polissêmicas, metaliterárias e autoreferenciais, o crítico procura devolvê-lo aos tempos em que viveu, contemplando-lhe a obra sob o prisma desses tempos com as respectivas atualidades. Em que pese às limitações acima enumeradas, o estudo constitui um passo à frente na exegese do texto machadiano.

BOBBY J. CHAMBERLAIN

*University of Pittsburgh*

LIDA ARONNE-AMESTOY: *Utopía, Paraíso e Historia. Inscripciones del mito en García Márquez, Rulfo y Cortázar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Pub. Co., 1986.

Aronne-Amestoy propone, en su reciente libro, un análisis textual que combina «procedimientos descriptivos de la semántica estructural y de la crítica arquetípica» (p. x). Apoyándose en las teorías formalistas y estructuralistas (Greimas, Barthes, Bremond) y en las reformulaciones de la hermenéutica centrada en los símbolos y arquetipos (Eliade, Campbell, Ricoeur), la autora opta por una metodología que integra los enfoques dirigidos a los distintos niveles del texto narrativo. Su esquema (p. 7) especifica cuatro niveles: lingüístico, narrativo, arquetípico y existencial. El método propuesto se basa en la idea, que encuentro irreproachable, de que es